

## O PENSAMENTO DEWEYANO, A MOTIVAÇÃO E O INTERESSE DO ALUNO NO CONTEXTO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

### DEWEY'S EDUCATIONAL IDEAS, STUDENT'S MOTIVATION AND INTEREST RELATED TO THE TEACHING OF FOREIGN LANGUAGE

Elizabete Aparecida Bernardino<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho pretende analisar a questão da *motivação* e do *interesse* do aluno à luz do pensamento de John Dewey, relacionando-a às pesquisas e preocupações atuais neste campo da educação escolar, mais especificamente no que diz respeito ao ensino de língua estrangeira (le) – inglês, no contexto da escola pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** John Dewey; motivação; interesse; aprendizagem; língua estrangeira

**ABSTRACT:** The purpose of this article is analyse the issue of students' motivation and interest by means of dewey's educational ideas and taking into account some current researches concerning the teaching of english as a foreign language in public schools.

**KEY WORDS:** John Dewey, motivation, interest, learning process, foreign language

## INTRODUÇÃO

A falta de envolvimento dos alunos com as atividades escolares tem sido motivo de queixas constantes por parte de pais e professores. Tal preocupação tem colocado a *motivação* no contexto escolar como foco de diversas pesquisas que apontam para um conhecimento teórico que pode auxiliar na reestruturação da prática docente e na criação de ambientes mais propícios à aprendizagem.

Dornyei (2000, p. 425 ) assim define motivação:

Motivation is one of the two key learner characteristics that determine the rate and the success of foreign language (L2) learning (the other being APTITUDE): motivation provides the primary impetus to embark upon

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara – SP  
raveab@com4.com.br



learning, and later, the driving force to sustain the long and often tedious learning process.<sup>2</sup>

A motivação é aquilo que impulsiona uma pessoa a fazer algo, aquilo que a põe em movimento em direção aos seus objetivos. É o que a faz mobilizar esforços e utilizar estratégias que a levem a alcançar tais objetivos.

Há teorias que concebem a motivação como um traço estável da personalidade. As Teorias Cognitivas, entretanto, concebem a motivação como sendo determinada por crenças pessoais e, portanto, passível de ser influenciada e modificada (BORUCHOVITCH E MARTINI, 2004). No contexto de sala de aula, o professor poderia representar, portanto, um colaborador no processo de alteração ou norteamo das orientações motivacionais dos seus alunos.

Na verdade, o que os estudiosos do assunto destacam com relação à motivação é que se trata de um constructo complexo, que envolve muitas variáveis. Daí a importância para os professores de acompanhar os trabalhos que têm sido desenvolvidos e que destacam o aspecto motivacional como um dos fatores determinantes da aprendizagem escolar. O aluno pouco motivado ou desmotivado não empenhará seus esforços na execução das atividades escolares.

## 1. O PAPEL DO PROFESSOR COMO MOTIVADOR

Há professores que, talvez pelo excesso de trabalho ou pela falta de conhecimento de outros aspectos que permeiam o trabalho pedagógico, deixam de explorar a força motivacional de seus alunos para a execução das atividades diárias. Tais professores vêem a motivação como um fator psicológico intrínseco e estável, apenas, e deixam de dar importantes contribuições para que o processo de aprendizagem se realize efetivamente.

Muitos atribuem o fracasso em suas disciplinas à falta de motivação dos próprios alunos e, consciente ou inconscientemente, negligenciam seus papéis como facilitadores da motivação no processo de aprendizagem. Algumas pesquisas bem como conversas informais com professores apontam que alguns alunos tendem a atribuir a si mesmos a responsabilidade pelo mau desempenho escolar, o que pode, em casos mais extremos, gerar uma situação em que o

---

<sup>2</sup> Trad.: Motivação é uma das duas características-chave do aprendiz que determina a razão e o sucesso da aprendizagem em língua estrangeira (a outra é a aptidão): a motivação fornece o ímpeto principal para embarcar na aprendizagem e, depois, a força diretriz que sustenta o longo e freqüentemente tedioso processo de aprendizagem.



aluno não mais mobiliza esforços, uma vez que ele percebe que nada que ele possa fazer pode trazer bons resultados. Boruchovitch e Martini (2004) descrevem tal situação, denominada desamparo adquirido, em que o indivíduo não se percebe como controlador dos resultados de um dado evento e deixa de empregar estratégias para a aprendizagem. Essa é a orientação motivacional menos desejável em qualquer contexto, menos ainda no ambiente escolar que pode determinar o futuro dos sujeitos que por ali transitam.

Bzuneck (2001, p.24) assim esclarece:

Problemas de motivação estão *no* aluno, no sentido de que ele seja o portador e o mais prejudicado. Mas isto não significa que ele seja o responsável, muito menos o único, por essa condição. Assim, não é correto generalizar que a motivação ou seus problemas são *do* aluno.

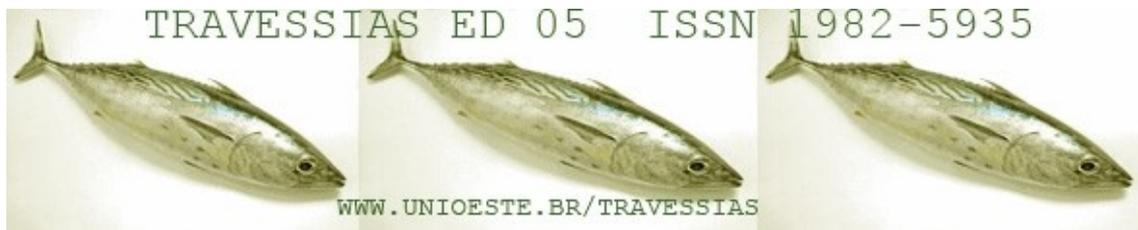
Tapia e Fita (2006) ainda ressaltam que os alunos não estão motivados ou desmotivados abstratamente. A motivação surge ou não em função do significado do trabalho que se tem de realizar e cabe ao professor criar contextos significativos que afetem a motivação e a aprendizagem.

No que se refere especificamente ao ensino de Língua Estrangeira (LE), principalmente nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, ainda se observa a opção por atividades pautadas no Método Gramática e Tradução. Tal escolha pode ser apontada como uma das causas responsáveis pelos baixos níveis de motivação entre os alunos. Embora o inglês esteja presente na vida desses alunos por, pelo menos, sete anos, verifica-se, ao final desse período, um desconhecimento, por exemplo, das formas básicas de cumprimentos e mesmo dos pronomes pessoais.

Schütz (2003, n.p.) ainda aponta outros aspectos que influenciam a motivação dos alunos:

Um ambiente de sala de aula voltada ao ensino formal de uma língua estrangeira, sem a presença de autênticos representantes dessa língua e de sua cultura, é um exemplo de ambiente que não evidencia necessidade, não produz motivação e não estimula o aprendizado. O que se encontra atualmente no ensino de inglês, são inúmeros fatores desmotivadores: salas de aula com muitos alunos, professores com proficiência limitada, cobrança através de exames de avaliação com questões truculentas que nada avaliam, repetição oral mecânica, etc.

O que se observa, na prática diária, no contexto escolar, são inúmeros relatos de casos em que os alunos não mobilizam esforços suficientes na elaboração ou resolução das atividades



propostas e, quando o fazem, têm em vista, tão somente, o cumprimento de tarefas impostas e não a aprendizagem.

Há outros casos em que nem mesmo a recompensa, ligada à motivação extrínseca, sob a forma de atribuição de notas, consegue levar o aluno a envolver-se com os conteúdos escolares. Esse quadro aponta para a relevância de estudos voltados à compreensão da *motivação* enquanto fator que também influencia na aprendizagem do aluno.

## 2. O INTERESSE E A MOTIVAÇÃO EM DEWEY

As questões que o professor se coloca são: Como motivar o aluno estando ele próprio desmotivado dadas as condições, por vezes, inadequadas de trabalho que se apresentam? Como despertar o interesse do aluno para as atividades de sala de aula?

Dewey, que já se ocupava dessas mesmas preocupações, em *Vida e Educação* (1954), apresenta duas teorias: uma favorável e outra contrária ao propósito de se despertar o *interesse* do aluno. Na defesa do *interesse* constata-se que é por meio dele que se garante a assimilação de conhecimento por parte do aluno.

A argumentação contrária é a de que a vida não é permeada por apenas situações favoráveis e agradáveis. Há que se sujeitar, às vezes, às agruras da vida, empregando esforço contínuo para se formar o hábito e o caráter.

Dewey (1954) aponta um dos aspectos mais relevantes dessas duas teorias: a busca da identificação entre objeto e o agente dispensa o empenho em despertar o interesse da criança por meios artificiais, mas ambas as teorias não reconhecem tal identificação.

A identificação ou correspondência entre o objeto e o agente poderia ser uma possível solução para o problema motivacional em sala de aula. Feita tal identificação o professor não teria mais que ocupar-se de “tornar as coisas interessantes”. (op.cit., p. 49) No que diz respeito ao ensino de LE, Gardner (2001) também enfatiza a importância da identificação do aluno com a cultura e com a língua que vai estudar.

Quando a criança percebe que o que se deseja ensiná-la tem relação com um todo, daí nasce o interesse. Nas palavras de Dewey (1954, p.55), “Se esse todo lhe pertence, ou se o seu próprio movimento o põe em contato com esse todo, aquela coisa ou aquela ação passa a interessá-la”.



O autor aponta ainda para a necessidade de se escolher a matéria de ensino tendo em vista as experiências e necessidades das crianças e ainda apresentar tal matéria de forma que a criança venha a estabelecer relações e valores com aquilo que para ela já tenha significação/sentido.

O interesse artificial, forjado por meio de malabarismos pedagógicos, a custo de excitações externas não levaria, segundo a teoria do interesse, a criança a apropriar-se dos saberes.

Como resultado da excitação provocada no aluno, por meio de “tornar as coisas interessantes”, o que se obtém, muitas vezes, é uma dependência de artifícios externos e o sentimento de desamparo quando não há provocações externas do interesse.

O interesse surge, também, ainda segundo Dewey (1954), em função de uma tendência inerente à pessoa, de uma capacidade já latente. O que Dewey propõe é que se leve em conta, na preparação dos materiais, as experiências e necessidades próprias do aluno e que se estabeleça o significado daquilo que se pretende ensinar, despertando assim o real interesse, ou melhor, tornando desse modo, a matéria interessante por si própria e não por recursos externos.

O verdadeiro interesse está ligado a certas condições que levam o indivíduo a empenhar todo o esforço em determinada atividade, e também se prende à satisfação que emana do sujeito ciente de seu próprio desenvolvimento.

Se descobrirmos as necessidades e as forças vivas da criança, e se lhe pudermos dar um ambiente constituído de materiais, aparelhos e recursos – físicos, sociais e intelectuais – para dirigir a operação adequada daqueles impulsos, e forças, não temos que pensar em interesse. *Ele surgirá naturalmente.* Porque então a mente se encontra com aquilo de que carece *vir a ser* o que deve. (DEWEY, 1954, p.85)

A motivação, da mesma forma que o interesse, para o pensamento deweyano, não está dissociada do objeto ou do fim que se pretende atingir. A questão seria identificar as capacidades, tendências e hábitos dos alunos e oferecer material e condições adequadas para o desenvolvimento dessas capacidades. “Qualquer material que apele para essa capacidade tem, por esse mesmo fato, força motivadora”. (DEWEY, 1954, p.71).

As reflexões de Dewey ao mesmo tempo que oferecem um alento aos professores no sentido de indicar que a saída não é tanto um esforço para despertar o interesse nos alunos, nem de motivá-los para o aprendizado, nos coloca diante de um desafio ainda maior que é o de conhecer o aluno a ponto de identificar nele suas aptidões inatas e, além disso, oferecer a esse

aluno os recursos materiais que vão fazer emergir o verdadeiro interesse e orientá-lo para uma motivação intrínseca, mais adequada ao desenvolvimento de sua autonomia enquanto aprendiz.

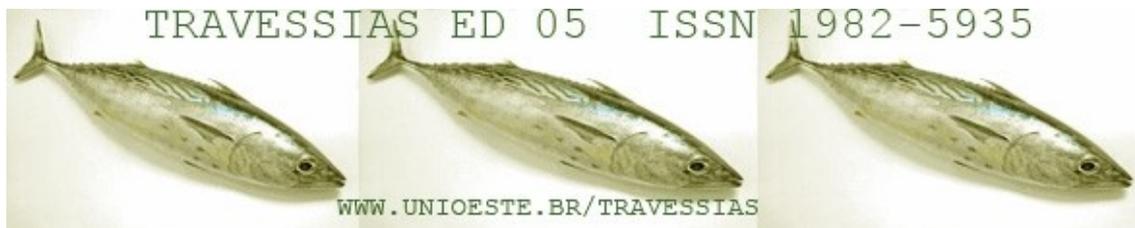
Talvez se possa dizer que tarefa semelhante fosse possível numa escola ideal, dentro do sistema democrático pensado pelo filósofo-educador. Trata-se de um objetivo ambicioso para o contexto atual, principalmente no que se refere à escola pública. Entretanto, acreditamos que pequenos movimentos em direção a preceitos, por vezes utópicos como os de Dewey, serão sempre preferíveis à inércia e à indiferença.

### **3. AS REFLEXÕES DE DEWEY, O INTERESSE E A MOTIVAÇÃO NO ENSINO DE L.E.**

Não se pretende aqui negligenciar outros elementos que podem determinar o desinteresse ou uma orientação motivacional inadequada ao ambiente de sala de aula. Mas tomando o pensamento de Dewey como ponto de partida para uma reflexão acerca destes dois aspectos da aprendizagem, poderíamos dizer que a motivação e o interesse estão estreitamente ligados às dificuldades do ensino em geral bem como ao de língua estrangeira (LE). Situações de desinteresse e desmotivação, embora possam ocorrer também nas salas de aulas dos cursos de idiomas, apresentam-se com maior intensidade no contexto da escola pública, pois trata-se de um ambiente em que o aluno não pode optar pelas disciplinas escolares para as quais tem mais aptidão. Além disso, muitas escolas da rede pública ainda carecem de um material adequado e motivador ao ensino de LE e, por vezes, até de professores com um nível de proficiência ideal.

Diferente do que ocorre com relação às demais matérias escolares, o aluno logo percebe que o estudo de LE não se coaduna com suas perspectivas. O discurso que se ouviu de muitos alunos é sempre o mesmo: “Não sei nem português direito, como vou aprender inglês? Para que vou aprender inglês?”

Percebe-se um discurso permeado pelo pessimismo e pela falta de motivação para a aprendizagem da língua inglesa. O aluno, em geral, não atribui significado ao estudo dessa disciplina num contexto em que o inglês não aparece como segunda língua (*second language*), mas como língua estrangeira (*foreign language*), o que confirma a seguinte afirmativa de Dewey (1954: p.18): “O que é aprendido, sendo aprendido fora do lugar real que tem na vida, perde com isso seu sentido e seu valor”.



Para Dewey, a questão é que os pedagogos esquecem-se das atividades em que as crianças já estão engajadas, julgando-as de menor valor e deixam, assim, de estabelecer uma relação entre o que se pretende ensinar e as experiências já adquiridas.

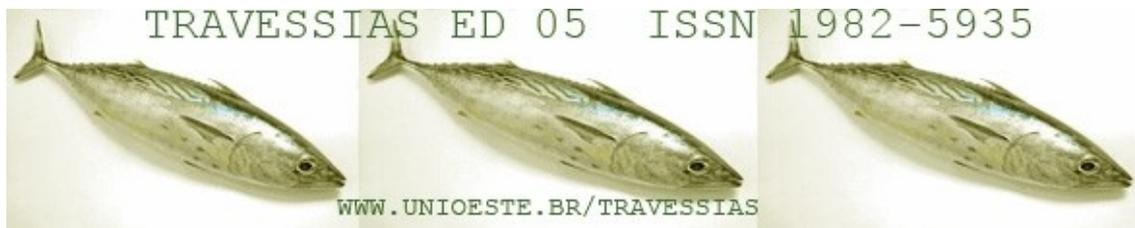
No que diz respeito ao ensino de inglês, o que se percebe por meio da fala dos alunos, dos meninos, principalmente, é um interesse pela língua relacionada aos jogos eletrônicos, no caso daqueles que têm acesso ao computador. Expressões e palavras que aparecem nesses jogos tendem a ser apreendidas por esses alunos. Eles questionam acerca do significado e da pronúncia e mencionam outras palavras que já dominam por meio do uso dos jogos. É nesse raro momento que se percebe a ligação da disciplina escolar com a vida do aluno. O que ocorre é que, na maioria das vezes, o professor desconhece o mundo dos jogos e da diversão e sequer lhes restam tempo e ferramentas para que se apropriem desta realidade do aluno, o que poderia ser o grande elo com as experiências desse aluno.

Outra questão vem somar-se ao baixo nível de proficiência dos professores de Língua Inglesa, ao desconhecimento dos interesses dos alunos e à falta de material próprio e motivador para o ensino de línguas: muitos professores não relacionam a motivação às teorias que tratam da educação escolar. Desconhecem a utilidade de conhecimentos relacionados à motivação e ligados à prática pedagógica. Para eles, o aluno está na escola para aprender e deve fazê-lo porque esta é a parte que lhe cabe no processo, independentemente das estratégias que serão utilizadas em sala de aula, não importando sequer a orientação motivacional do próprio professor e menos ainda as características psicológicas de cada aluno.

#### **4. A IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO COM A L.E. E ALGUMAS CRENÇAS**

Gardner (2001) focaliza a motivação como o elemento central para determinar o sucesso da aprendizagem em LE, pois estratégias de aprendizagem não serão utilizadas se o aluno não estiver motivado para aprender outra língua. O autor ainda propõe que a aprendizagem de LE difere da de outras disciplinas escolares por envolver, por vezes, conflitos pessoais.

Ao estudar uma LE, o aluno precisa incorporar sons, estruturas gramaticais e modelos comportamentais característicos de outra cultura, de uma comunidade que não é a sua. É necessária uma identificação do aluno com o grupo que utiliza a língua a ser aprendida. Tais aspectos da aprendizagem tornam a motivação um fator ainda mais complexo, mas cujo



conhecimento pode alterar, de forma positiva, a orientação motivacional dos alunos e, conseqüentemente, promover um maior envolvimento com atividades escolares.

Entretanto pode-se verificar que a “necessária identificação”, apontada por Gardner e preconizada também por Dewey, não chega a se dar sequer no nível da sala de aula, na relação professor de LE –aluno.

Primeiramente, o aluno, em geral, acredita de antemão que não aprenderá inglês na escola pública. Essa crença pode ser confirmada por meio da fala de alunos que, ao manifestar para seus pais o interesse pela língua inglesa são levados a fazer a matrícula em uma escola de idiomas. Estes alunos, em geral, comunicam o professor da rede pública sobre esta decisão.

Acredita também que não tem diante de si um profissional que domine o idioma que pretende ensinar, o que pode ser observado pelas perguntas de alguns alunos que ingressam na 5ª.série, tais como: Professora, você já viajou para um outro país em que se fala apenas o inglês? Se eu te der um texto em inglês, você é capaz de traduzi-lo? Já conversou com alguém que só fale a língua inglesa?

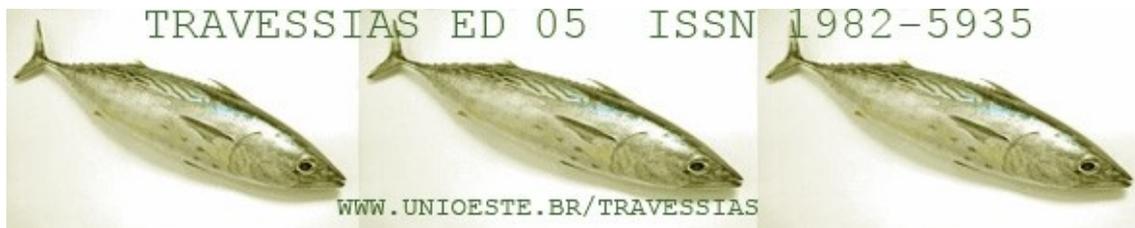
São questionamentos não neutros e que não constituem simples curiosidade, mas que desvelam a falta de credibilidade na formação do professor de LE por parte dos próprios alunos.

## **5. A AUSÊNCIA DO SIGNIFICADO E O DESINTERESSE NO ESTUDO DE L.E.**

No que diz respeito à motivação ou ao interesse, Dewey aponta ainda para a oposição que se estabelece entre a natureza da criança e o ambiente escolar com seu programa de estudos delineando, primeiramente, o mundo da criança da seguinte forma:

A criança vive em um mundo em que tudo é contato pessoal. Dificilmente penetrará no campo de sua experiência qualquer coisa que não interesse diretamente seu bem-estar ou o de sua família e amigos. O seu mundo é um mundo de pessoas e de interesses pessoais e não um sistema de fatos ou leis. Tudo é afeição e simpatia, não havendo lugar para a verdade, no sentido de conformidade com o fato externo.(DEWEY, 1954, p.32).

No contexto escolar há o fracionamento e a classificação dos saberes que a mentalidade infantil não dá conta de abarcar. O que se processa são abstrações que demandam, “hábitos intelectuais amadurecidos”, segundo Dewey, e que em nada se relacionam com a experiência infantil.



A lógica da escola não é a lógica da criança. Ao dividir os conhecimentos científicos em ramos específicos perde-se, com bastante frequência, o lugar de referência de cada disciplina estudada. O estudo fracionado se esvazia de significado e não se relaciona com a experiência do aluno estabelecendo, portanto, um embate entre ambos.

De um lado está, o professor, por vezes, preso ao cumprimento de um programa que não faz a ponte necessária entre os saberes que pretende transmitir e o meio em que o aluno está inserido e de outro, a criança arrancada de seu mundo unitário e levada a fazer uma transição artificial entre os conhecimentos diversos que não têm relação com sua experiência.

Se pode haver uma ruptura entre o que Dewey chama “experiência” e as disciplinas estudadas na língua de origem do aluno, o que não dizer com relação ao estudo de uma língua estrangeira? Se não há relação entre experiência e matéria escolar, não pode haver interesse. Se não há interesse, como pode haver efetivo aprendizado?

O aluno, sob a pressão das normas escolares e das expectativas familiares, é levado a executar de maneira mecânica as tarefas propostas, e o que poderia se constituir num saber para a vida, se desfaz tão logo tenha cumprido sua missão diante de uma avaliação, por exemplo.

O que se observa é uma clientela que, ao alcançar a 5ª. série do Ensino Fundamental, traz grandes expectativas e curiosidades com relação à LE (Língua Inglesa) por tratar-se de uma novidade para a maioria dos alunos. Mas, com o avanço da escolaridade, há uma queda considerável do interesse por essa disciplina, o que talvez mereça a atenção de mais pesquisadores envolvidos com a questão motivacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O domínio da própria disciplina, num contexto de diversidade e de inclusão como o que se apresenta atualmente, não é mais suficiente ao professor que busca um exercício consciente e comprometido da profissão docente.

O conhecimento de práticas motivadoras deveria integrar o repertório de conhecimentos dos docentes para constituir-se numa importante ferramenta capaz de organizar de forma mais eficiente o ambiente psicológico de sala de aula e de levar os alunos a desenvolver uma orientação motivacional mais apropriada à aprendizagem, principalmente no que diz respeito à aprendizagem de Língua Inglesa nas escolas públicas.



A motivação, como um constructo complexo que envolve muitas variáveis, exige conhecimentos sempre atualizados, resultados de pesquisas, da prática e da reflexão. Cabe ao professor, como sujeito que está à frente de um grupo, que lidera e influencia e não apenas orienta a aprendizagem, o importante papel de motivador e de formador de aprendizes autônomos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A.(orgs.).**A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 3ª. ed., 2001.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos. 4ª. ed.1954.

DÖRNYEI, Z. **Motivation & Motivation theories**. In M. Byram (Ed.), Routledge encyclopedia of language teaching and learning (pp. 425-435). London: Routledge. 2000. Disponível em: <[http://www.nottingham.ac.uk/english/lookup/lookup\\_az.php?id=NjA0Mjcz&page\\_var=personal](http://www.nottingham.ac.uk/english/lookup/lookup_az.php?id=NjA0Mjcz&page_var=personal)> Acesso em 12/04/2008.

GARDNER, R. C. **Language learning motivation: the student, the teacher and the researcher**. Texas: Foreign Language Education Conference.2001. Disponível em: <[http://eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content\\_storage\\_01/0000019b/80/29/cf/aa.pdf](http://eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/29/cf/aa.pdf)> Acesso em 30/05/2007

MARTINI, M.L.;BORUCHOVITCH, E. **A teoria da atribuição de causalidade: contribuições para a formação e atuação de educadores**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2004.

SCHUTZ,R. **Motivação e Desmotivação na aprendizagem de línguas**. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>>. Acesso em 30/05/2007.

TAPIA, J. A.; FITA. E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. ed. São Paulo: Loyola, 7ª ed., 2006.